

TERRA FEMINA



Carolyn Merchant

Corinne Kumar D'Souza

Maria Mies

Rosiska Darey de Oliveira

Tereza Santa Clara Gomes

Thais Corral

Vandana Shiva

TERRA FEMINA

A realização dessa publicação foi possível graças ao apoio da Fundação de Mulheres do Partido Verde (FRAVEN ANSTIFTUNG), da Alemanha, do Instituto de Ação Cultural (IDAC) e da Rede de Defesa da Espécie Humana (REDEH).

*Organizadoras: Rosiska Darcy de Oliveira
Thais Corral*

TERRA FEMINA

Organizadoras: ROSISKA DARCY DE OLIVEIRA E THAIS CORRAL

Projeto Gráfico: MARCUS MORAES e MICHEL LENT

Capa: GREVY-CONTI PROJETOS GRÁFICOS

Revisão: IDAC / REDEH

Fotolito da capa: INTERCOLOR

Impressão: CBAG (Companhia Brasileira de Artes Gráficas)

Maio/Junho 1992

INTRODUÇÃO

Terra Femina, Terra Incógnita. Protesto e projeto. A Conferência Mundial de Ecologia é o pretexto para ambos. Protesto contra a unilateralidade de uma história humana ditada por um sexo que escreve o destino do outro, ditado por raças que escrevem o destino das outras, por culturas que se crêem a Cultura. Projeto de mudança de texto.

O conjunto de textos aqui reunidos é a expressão desse projeto. Colher na experiência, na existência, no conhecimento de algumas mulheres um ponto de vista que revolucione a perspectiva única da qual até hoje contemplamos o futuro como espécie de passado, passado a limpo. Tentativa, pois, de escrever o novo.

Mas o texto apenas reescreve a história, histórias que vêm sendo vividas no Brasil e longe daqui por muitas, tantas mulheres que mal se conhecem e pertencem sem saber a um tempo de rupturas, de desafios, mais graves do que elas imaginam, mais ferinos, ferindo na base convicções ancestrais. Momento agônico de uma civilização.

As mulheres brasileiras têm vivido ao longo dos anos a travessia, em crise, de algumas convicções. Qualidade de vida, sentido do cotidiano, aspiração à felicidade vêm esbarrando no que se lhes oferece como modelo único de existência chamado desenvolvimento, critério de superioridade, estágio melhor no progresso humano. Será esse progresso, humano? Nós como mulheres brasileiras, temos buscado lugares de encontro onde essa pergunta faça sentido. Em outubro de 1991, no Alto da Boa Vista, Rio de Janeiro, a REDEH convocou a Conferência Internacional Mulher, Procriação e Meio Ambiente que se constituiu num momento privilegiado do diálogo das brasileiras com o movimento de mulheres internacional em torno das questões sobre meio-ambiente, interrogações que nos aflige a todas nessa virada de século.

O movimento de mulheres brasileiro representado no Forum Brasileiro de Organizações Não-Governamentais pelo IDAC levou a esse Forum a versão das mulheres sobre essas mesmas questões tentando tirar da invisibilidade aspirações trazidas da Terra Incógnita, dos inexplorados territórios do feminino.

IDAC e REDEH reuniram-se nesta publicação convidando a que dela participassem mulheres que, no mundo inteiro, partilham conosco um mesmo desejo de um mundo mais suave, onde soprem os Ventos do Sul, levando consigo as Sementes da Criatividade Femininas plantadas no Local como Projeto Global. Como Utopia que não se envergonha de sê-lo mas orgulha-se de se orientar pela bússola de valores que, em todos os tempos, garantiram por intermédio das mulheres a permanência do Amor como ponto de partida e de chegada da trajetória humana.

Rosiska Darcy de Oliveira
Thais Corral

ÍNDICE

- Ecofeminismo*.....2
CAROLYN MERCHANT Professora de História Ambiental, Filosofia e ética na Universidade da Califórnia - Berkeley
- O Vento do Sul*.....26
CORINNE KUMAR D'SOUZA Cientista política, pesquisadora do Centro para Educação informal e Desenvolvimento. Faz parte do Grupo Vimochana. Líder do Movimento Pacifista na Índia.
- O Global Está No Local. Uma Perspectiva Ecofeminista*.....58
MARIA MIES Autora dos livros *Women, the last Colony e Patriarch and Accumulation on a World Scale*. Professora da Universidade de Colonia, Alemanha.
- As Mulheres e a Natureza: Uma relação Ancestral, Uma nova Aliança*.....74
ROSISKA DARCY DE OLIVEIRA Escritora, autora dos livros *Elogio da Diferença e Le Feminin Ambigu*. Representante do movimento de mulheres brasileiras na ECO 92. Diretora do IDAC.
- Uma Utopia Feminina*.....88
TERESA SANTA CLARA GOMES Deputada no Parlamento Português pelo Partido Socialista, Diretora do GRAAL.
- O Prisma Feminino na ECO 92*.....96
THAIS CORRAL Jornalista, coordenadora da Rede de Defesa da Espécie Humana, membro do Conselho Diretivo do IPAC/WEDO e da Comissão Organizadora do Planeta Fêmea.
- A Semente e a Terra: Mulheres, Ecologia e Biotecnologia*.....102
VANDANA SHIVA diretora da Research Foundation for Science, Technology and Natural Resource Policy, Índia. É também editora-adjunta de *The Ecologist*.

*Ecofeminismo**

No Quênia, as mulheres do movimento Green Belt (Cinturão Verde) unem-se para plantar milhões de árvores em terras áridas degradadas. Na Índia, juntam-se no movimento Chipko (de-abraçar-as-árvores) a fim de preservar os preciosos recursos de combustível para suas comunidades. Na Suécia, as feministas preparam geléias de *berries** borrifadas com herbicidas e as oferecem aos membros do parlamento para que provem: eles recusam. No Canadá, vão às ruas para obter assinaturas contra o processamento de urânio perto de suas cidades. Nos Estados Unidos, donas de casa organizam apoio local para limpar lugares com lixo perigoso. Todas essas ações são exemplos de um movimento de amplitude mundial crescentemente conhecido como "ecofeminismo", dedicado à continuação da vida na terra.

O ecofeminismo surgiu nos anos 1970 com o aumento dos vínculos entre as mulheres e a natureza. O termo "ecofeminismo" foi cunhado em 1974 pela escritora francesa Françoise d'Eaubonne, que convocou as mulheres a liderarem uma revolução ecológica para salvar o planeta.¹ Essa revolução ecológica

acarretaria relações de um novo tipo entre mulheres e homens, e entre os seres humanos e a natureza.

Desenvolvido no Instituto para a Ecologia Social em Vermont por volta da mesma época, o conceito tornou-se um movimento em 1980, com uma importante conferência sobre "Mulheres e Vida na Terra" realizada em Amherst, Massachusetts, e a decorrente Women's Pentagon Action para protestar contra a guerra nuclear e o desenvolvimento de armas², contrários à vida. Durante a década de 1980, as feministas culturais dos Estados Unidos injetaram uma vida nova no ecofeminismo, argumentando que as mulheres e a natureza podiam ser liberadas conjuntamente.

Os feminismos liberal, cultural, social e socialista têm estado, todos eles, preocupados em melhorar a relação ser humano/natureza, e cada qual vem contribuindo, de modos diversos, para uma perspectiva ecofeminista.³ O feminismo liberal defende o objetivo de reformar o ambientalismo para alterar as relações humanas com a natureza de dentro das estruturas de governo existentes, através da aprovação de novas leis e regulamentações. O ecofeminismo cultural analisa os problemas ambientais partindo de sua crítica do

* - Tradução de Myriam Campello

patriarcado, oferecendo alternativas que poderiam liberar tanto as mulheres quanto a natureza.

Os ecofeminismos social e socialista fundamentam suas análises no patriarcado capitalista. Questionam de que modo as relações patriarcais de reprodução revelam o domínio das mulheres pelos homens, e de como as relações capitalistas de produção revelam o domínio da natureza pelos homens. O domínio das mulheres e da natureza inerente ao uso dos dois como recursos na economia de mercado seria totalmente reestruturado. Embora o ecofeminismo cultural tenha se aprofundado mais na conexão mulher-natureza, os ecofeminismos social e socialista têm potencial para uma crítica mais completa do mecanismo de domínio e para uma justiça social liberadora.

As ações ecofeministas dirigem-se às contradições entre produção e reprodução. As mulheres tentam reverter as investidas da produção sobre a reprodução biológica e social tomando os problemas visíveis e propondo soluções. Quando a radioatividade dos acidentes em usinas nucleares, produtos químicos tóxicos e lixo perigoso ameaçam a reprodução biológica da espécie humana, as mulheres vivem tal contradição como investidas contra seus próprios corpos e os corpos de seus filhos, agindo para detê-las. Produtos domésticos, poluentes industriais, plásticos e o lixo de invólucros invadem os lares das mulheres do Primeiro Mundo ameaçando a reprodução da vida diária,

enquanto o acesso direto à comida, combustível e água limpa para as mulheres do Terceiro Mundo é posto em perigo por culturas agrícolas destinadas a fazer dinheiro rápido, e não alimentos, no torrão natal tradicional, e por pesticidas usados nos negócios relativos à produção agrícola. As mulheres do Primeiro Mundo combatem tais ataques através da alteração de hábitos de consumo, da reciclagem do lixo e protestando contra a produção e os métodos para se livrar dos refugos, enquanto as mulheres do Terceiro Mundo atuam para proteger modos de vida tradicionais e reverter o dano ecológico de corporações multinacionais e das indústrias extrativas. As mulheres desafiam os modos pelos quais a sociedade dominante se reproduz através da socialização e política, ao prefigurarem e levarem a efeito papéis de gênero alternativos, opções de emprego e práticas políticas.

Muitas ecofeministas advogam alguma forma de ética de meio-ambiente que lide com as opressões paralelas do domínio das mulheres e da natureza através de uma ética de cuidado e sustento que se origine das experiências femininas elaboradas culturalmente. Como conceitualiza a filósofa Karen Warren:

"Uma ética ecofeminista é tanto a crítica do domínio masculino das mulheres e natureza quanto a tentativa de estruturação de uma ética livre do preconceito do gênero masculino em relação às mulheres e à natureza, não só reconhecendo as múltiplas vozes femininas,

*diferentemente situadas por raça, classe, idade [e] considerações étnicas, como também concentrando tais vozes. O ecofeminismo se fundamenta nas perspectivas múltiplas daquelas cujos pontos de vista são tipicamente omitidos ou subvalorizados nos discursos dominantes - as mulheres chipko, por exemplo - desenvolvendo uma visão global do papel do domínio masculino na exploração das mulheres e da natureza. A perspectiva ecofeminista é, portanto (...) estruturalmente pluralista, inclusivista e contextualista, enfatizando, através do exemplo concreto, o papel crucial desempenhado pelo contexto na compreensão da prática sexista e naturalista."*⁴

Uma ética ecofeminista, argumenta ela, coagiria a ética tradicional, calcada em direitos, regras e vantagens, com considerações baseadas em solicitude, amor e confiança. Entretanto uma ética de solicitude, como a elaborada por algumas feministas, torna-se presa de uma crítica essencialista de que a natureza das mulheres é dar sustento.⁵

A alternativa é uma parceria ética que trate o ser humano (inclusive os parceiros masculinos e femininos) como iguais nas relações pessoais, familiares e políticas, e os seres humanos como parceiros iguais da natureza não-humana (em vez de controlados por ela ou dominando-a). Da mesma forma que os parceiros humanos, que independentemente de sexo, raça ou classe precisam dar um ao outro espaço, tempo e cuidados,

permitindo que ambos cresçam e se desenvolvam individualmente dentro de relações mutuamente apoiadoras e não-dominadoras, os seres humanos precisam dar à natureza espaço, tempo e cuidados, permitindo que ela se reproduza, desenvolva e reaja às ações humanas. Na prática, isso significaria não cortar florestas e danificar os rios que tornem pessoas e animais selvagens em planícies aluviais mais vulneráveis a "desastres naturais"; reduzir o desenvolvimento em áreas sujeitas a vulcões, terremotos, furacões e ciclones que dêem espaço a surpresas imprevisíveis, caóticas e naturais; e exercitar restrição ética à introdução de novas tecnologias como pesticidas, organismos produzidos por engenharia genética e armas biológicas em ecossistemas. Elaborar a natureza como uma parceira leva em conta a possibilidade de uma relação pessoal ou íntima (mas não necessariamente espiritual) com a natureza, da mesma forma que sentimentos de compaixão pelos não-humanos, assim como por pessoas sexualmente, racialmente ou culturalmente diferentes. Evita atribuir um gênero à natureza como mãe sustentadora ou como deusa, evitando também o dilema ecocêntrico de que os humanos são apenas uma entre muitas partes iguais de uma rede ecológica, e assim moralmente iguais a uma bactéria e um mosquito.

ECOFEMINISMO LIBERAL

O feminismo liberal caracterizou a história do feminismo desde seu início, no século dezoito, até à década de 1960. Enraiza-se no liberalismo, a teoria política que aceita a análise científica de ser a natureza composta de átomos movido por forças externas, uma teoria da natureza humana que encara os seres humanos como agentes individuais racionais que maximizam seus próprios interesses, e o capitalismo como a estrutura econômica ótima para o progresso humano. Aceita a ética egocêntrica de que a sociedade ótima ocorre quando cada indivíduo maximiza seu próprio potencial produtivo. Assim, o que é bom para cada indivíduo é bom para a sociedade como um todo. Historicamente, as feministas liberais têm defendido que as mulheres não diferem dos homens como agentes racionais, e que a exclusão delas das oportunidades educacionais e econômicas as têm impedido de realizar seu próprio potencial de criatividade em todas as esferas da vida humana.⁶

O feminismo liberal do século vinte foi inspirado pelos livros **O segundo sexo (Le deuxième sexe, 1949)**, de Simone de Beauvoir, e **A mística feminina (The feminine mystique, 1963)**, de Betty Friedan. De Beauvoir defendeu que mulheres e homens eram biologicamente diferentes, mas que as mulheres podiam transcender sua biologia, liberando-se de seu destino de reprodutoras biológicas e assumindo valores masculinos. Friedan desafiou a mística de "*Sou apenas uma dona de casa*", resultante das forças de

produção pós-Segunda Guerra Mundial que abriram caminho para que os soldados reassumissem empregos na esfera pública, empurrando o "exército de reserva" das mulheres trabalhadoras de volta à esfera privada do lar. A fase liberal do movimento das mulheres que explodiu na década de 1960 exigiu igualdade para as mulheres no mercado de trabalho e na educação como meios de realizar uma vida plena. Simultaneamente, Rachel Carson tornou a questão da vida na terra um tópico público. Seu livro **Silent spring**, de 1962, focalizou a atenção nos efeitos causadores de morte dos inseticidas químicos acumulando-se no solo e nos tecidos dos organismos vivos - elixires mortais bombardeando os seres humanos e não humanos do momento da concepção até o momento da morte.⁷

Para as ecofeministas liberais (como para o liberalismo em geral), os problemas do meio-ambiente resultam do desenvolvimento demasiado rápido dos recursos naturais e da falha na regulamentação dos pesticidas e outros poluentes do meio-ambiente. O modo como a ordem social se reproduz através dos governos e das leis pode ser melhorado se a reprodução social se tornar ambientalmente consistente. Ciência, conservação e leis melhores são, assim, as abordagens adequadas para resolver os problemas dos recursos. Dadas as oportunidades iguais de educação para se tornarem cientistas, administradoras de recursos naturais, reguladoras, advogadas e legisladoras, as mulheres, assim como os

homens, podem contribuir para a melhoria do meio-ambiente, para a conservação dos recursos naturais e para uma qualidade de vida melhor. As mulheres, portanto, podem transcender o estigma social de sua biologia e juntar-se aos homens no projeto cultural da conservação ambiental.

Dentro dos parâmetros dos governos e organizações ambientais dominantes, como o Grupo dos Dez, estão um sem número de oportunidades significativas para as mulheres atuarem para melhorar suas próprias vidas e resolver os problemas ambientais. Adicionalmente, elas têm estabelecido seus próprios grupos ambientais. As organizações fundadas por mulheres tendem a ter alta percentagem feminina em seus conselhos de diretores. Na Califórnia, por exemplo, a Greenbelt Alliance foi fundada por uma mulher em 1958, a Save the Bay Association por três mulheres em 1961, e a California Women in Timber por um grupo de mulheres em 1975. No entanto, a maioria das mulheres dessas organizações não se consideram feministas, e não consideram sua causa feminista. Acreditam que o feminismo, como rótulo radical, poderia estigmatizar seus objetivos a longo prazo. Por outro lado, grupos como Friends of the River, Citizens for a Better Environment e o ramo local do Environmental Defense Fund empregam muitas mulheres que se consideram feministas e homens que se consideram sensíveis às preocupações feministas, tais como igualdade, assistência infantil, eliminação das hierarquias dentro da organização e a criação

de redes com outras organizações ambientais.⁸

ECOFEMINISMO CULTURAL

O feminismo cultural se desenvolveu no final da década de 1960 e na década de 1970 com a segunda onda de feminismo (a primeira sendo o movimento sufragista das mulheres do início do século vinte). O ecofeminismo cultural é uma resposta à percepção de que mulheres e natureza têm sido mutuamente associadas e desvalorizadas na cultura ocidental. O artigo de Sherry Ortner "*É a mulher para o homem o que a natureza é para a cultura*", de 1974, colocou o problema que motiva muitas ecofeministas. Ortner argumenta que as mulheres, historicamente e em termos de contraste cultural, ao contrário do homem, têm sido encaradas como mais próximas da natureza devido a sua fisiologia, papéis sociais e psicologia. Fisiologicamente, as mulheres dão a luz à vida por meio de seus corpos, passando pelos prazeres, pela dor e pelos estigmas ligados à menstruação, gravidez, parto e amamentação, enquanto a fisiologia dos homens os deixam mais livres para viajar, caçar, guerrear e envolver-se nos negócios públicos. Socialmente, a criação dos filhos e os cuidados domésticos têm mantido as mulheres casadas mais próximas do lar e fora do mercado de trabalho. Psicologicamente, tem sido apontado nas mulheres uma capacidade emocional maior, com maiores

laços com o particular, o pessoal e o presente do que os homens, considerados mais racionais, objetivos, e com maior capacidade para o pensamento abstrato.⁹

Para as ecofeministas culturais, a saída desse dilema é elevar e liberar as mulheres e a natureza através de ação política direta. Muitas feministas culturais celebram uma era da pré-história em que a natureza era simbolizada por figuras femininas grávidas, árvores, borboletas e serpentes, e na qual as mulheres eram tidas em alta estima como doadoras da vida. Uma cultura patriarcal emergente, porém, destronou as deusas mães e as substituiu por deuses homens às quais as deusas se submeteram. A revolução científica do século dezessete degradou ainda mais a natureza, substituindo o organicismo do Renascimento e uma terra sustentadora pela metáfora de uma máquina a ser controlada e consertada do lado de fora. A ontologia e a epistemologia do mecanicismo são encaradas pelas feministas culturais como profundamente masculinistas e exploradoras de uma natureza historicamente representada no gênero feminino. A terra é dominada por uma tecnologia, ciência e indústria desenvolvidas pelo homem e controladas por este.¹⁰

Geralmente originando-se de um ponto de vista anti-ciência e anti-tecnologia, o ecofeminismo cultural celebra a relação entre homem e natureza através do renascimento de antigos rituais centralizados no culto da deusa, na lua, nos animais e no sistema reprodutor feminino. Uma visão na qual a natureza é

valorizada como mãe e deusa é uma fonte de inspiração e poder para muitas ecofeministas. A espiritualidade é vista como fonte tanto de mudança pessoal quanto social. O culto da deusa, os rituais centrados nos ciclos lunares e nos ciclos menstruais femininos, palestras, concertos, exposições de arte, produções teatrais e de rua, e ação política direta (fiar em protestos anti-nucleares) são exemplos da nova visão da natureza e das mulheres como forças poderosas. A filosofia ecofeminista cultural abarca intuição, uma ética de solicitude e relações de entrelaçamento entre o ser humano e a natureza.¹¹

Para as feministas culturais, a natureza humana está fundamentada na biologia humana. Os humanos são biologicamente sexuados e dotados de gênero. As relações sexo/gênero dão a homens e mulheres diferentes bases de poder. Portanto o pessoal é político. A percebida conexão entre mulheres e reprodução biológica virada de cabeça para baixo torna-se a fonte do poder das mulheres e do ativismo ecológico. A biologia das mulheres e a Natureza são celebradas como fontes do poder feminino. Essa forma de ecofeminismo tem se concentrado amplamente na esfera da consciência em relação à natureza - espiritualidade, culto da deusa, feitiçaria - como celebração dos corpos femininos, geralmente acompanhado por ações sociais como protestos anti-nucleares e anti-pornografia.¹²

Grande parte do ativismo ecológico populista efetuado por mulheres, embora não

explicitamente ecofeminista, implicitamente traz consigo e é motivado pela conexão entre a biologia reprodutiva das mulheres (natureza) e a tecnologia planejada e produzida pelos homens (cultura). Muitas ativistas argumentam que as tecnologias planejadas e produzidas pelos homens negligenciam os efeitos da radiação nuclear, os pesticidas, os refugos perigosos e os produtos químicos domésticos nos órgãos reprodutivos das mulheres e no ecossistema. Protestam contra a radioatividade do lixo nuclear, usinas de energia e bombas como causa potencial de defeitos de nascimento, cânceres e da eliminação da vida na terra. Denunciam os locais de refugos perigosos perto de escolas e casas permeando o solo e a água potável, e contribuindo para abortos espontâneos, defeitos de nascimento e leucemia. Objetam aos pesticidas e herbicidas borrifados em safras e florestas como potencialmente afetando crianças e gestantes vivendo nas proximidades. As mulheres frequentemente lideram ações locais contra borrifamentos e a instalação de usinas de energia, e organizam os cidadãos a exigirem uma limpeza geral dos tóxicos.¹³

Em 1978, Lois Gibbs, da Love Canal Homeowner's Association, de Niagara Falls, Nova York, desempenhou um papel fundamental ao conscientizar as mulheres sobre os efeitos dos refugos perigosos da Hooker Chemicals and Plastics Corporation em seu bairro de 1200 casas. Gibbs, cujo filho teve problemas de saúde depois de frequentar a escola primária local, lançou uma campanha

no bairro para fechar a escola depois que oito mulheres da vizinhança corroboraram suas observações. Um estudo conduzido pelas próprias mulheres encontrou uma taxa mais elevada que o normal de abortos espontâneos, partos de natimortos e defeitos de nascença. Já que a população operária masculina de Love Canal achava difícil aceitar o fato de que não podiam prover adequadamente por suas famílias, as mulheres se tornaram líderes no movimento para obter uma reparação. A história de Love Canal mostra como mulheres de baixa classe média, que jamais haviam sido ativistas ambientais, tornaram-se politizadas pelas questões de vida e morte afetando diretamente seus filhos e lares, tendo êxito em obter uma compensação do estado de Nova York. "As mulheres de Love Canal", disse Gibbs na conferência das Mulheres e Vida na Terra, em 1980, "*não estão mais em casa cuidando dos lares e jardins (...) Mulheres que tempos atrás olhavam com desprezo para as pessoas que faziam manifestações, que eram presas e agiam de modo um tanto radical, estão fazendo agora essas mesmas coisas.*"¹⁴

A maioria dos ativistas do movimento de raízes populares contra os produtos tóxicos são mulheres. Muitas se envolveram no ativismo quando sofreram abortos espontâneos, tiveram filhos com defeitos de nascença, ou contraíram leucemia ou outras formas de câncer. Através de um trabalho em conjunto com as mulheres do bairro, começaram a vincular seus problemas a locais com refugos perigosos nas proximidades. Das preocupações

iniciais do Not in My Backyard (NIMBY) (Não no Meu Quintal), o movimento mudou para Not in Anybody's Backyard (NIABY) (Não no Quintal de Ninguém) e depois para Not On Planet Earth (NOPE) (Não No Planeta Terra). Assim, Cathy Hinds, cujo poço de água em East Gray, Maine, foi contaminado por produtos químicos da corporação industrial de produtos de limpeza situada próxima, tornou-se uma "combatente furiosa" quando perdeu um filho e sua filha começou a ter crises de tonteira. Posteriormente fundou a Coalizão dos Cidadãos do Maine contra Produtos Tóxicos, e tornou-se militante na Campanha Nacional contra Produtos Tóxicos. Sua motivação foi proteger os filhos. As mulheres, diz, "são as mães da terra" que querem tomar conta dela.¹⁵

As mulheres nativas americanas organizaram a WARN, Women of All Red Nations (Mulheres de Todas as Nações Vermelhas) para protestar contra os altos níveis de radiação das minas de urânio nas extremidades de sua reservas, contra as altas taxas de bebês abortados e deformados, assim como em questões como a perda das terras da reserva e a erosão da família. Reconheceram suas responsabilidades como intendentess da terra, e expressaram respeito por "*nossa Mãe Terra, fonte de nossa nutrição física e de nossa força espiritual.*"¹⁶

O ecofeminismo cultural, porém, tem suas críticas feministas. Susan Prentice argumenta que o ecofeminismo, ao afirmar a fragilidade e interdependência de toda vida,

"pressupõe que mulheres e homens(...) têm uma natureza humana essencial que transcende cultura e socialização." Isso implica na idéia de que o que os homens fazem ao planeta é ruim, e o que a mulheres fazem a ele é bom. Essa relação especial das mulheres com a natureza e a política faz com que seja difícil admitir poderem também os homens desenvolver uma ética de solicitude para com a natureza. Além disso, o ecofeminismo falha em fornecer uma análise do capitalismo que explique porque este domina a natureza. "*O capitalismo nunca é seriamente apreendido pelas ecofeministas como um processo com sua história, lógica e luta particulares. Como falta ao ecofeminismo tal análise, ele não pode desenvolver uma estratégia de mudança eficaz.*" Além disso, não lida com os problemas da pobreza e do racismo sofridos por milhões de mulheres por todo o mundo.¹⁷ Contrastando com o ecofeminismo cultural, os ramos social e socialista do ecofeminismo fundamentam-se numa análise socio-econômica que trata a natureza e a natureza humana como elaboradas socialmente, enraizada numa análise de raça, classe e gênero.

ECOFEMINISMO SOCIAL

Baseado na ecologia social de Murray Bookchin, o ecofeminismo social encara a reestruturação da sociedade em comunidades humanas descentralizadas. "*O ecofeminismo*

social”, afirma Janet Biehl, “*aceita o princípio básico da ecologia social, o de que a idéia de dominar a natureza origina-se do domínio do humano pelo humano. Só com o término de todos os sistemas de domínio é possível uma sociedade ecológica, na qual nenhum estado ou economias capitalistas tentem subjugar a natureza, na qual todos os aspectos da natureza humana - inclusive sexualidade e paixão, assim como a racionalidade - sejam livres.*” O ecofeminismo social se distingue das espiritualmente orientadas ecofeministas culturais, que reconhecem uma relação histórica especial entre mulheres e natureza, e desejam liberar conjuntamente umas e outra. Ao invés disso, o ecofeminismo social começa com a análise materialista e social-feminista do feminismo radical inicial que buscou reestruturar as opressões impostas às mulheres pelo casamento, família nuclear, amor romântico, estado capitalista e religião patriarcal.

O ecofeminismo social defende a liberação das mulheres através da derrubada de hierarquias econômicas e sociais que transformam todos os aspectos da vida numa sociedade de mercado que hoje invade até mesmo o útero. Imagina uma sociedade de comunidades descentralizadas que transcenderiam a dicotomia público-privado necessária à produção capitalista e ao estado burocrático. Nelas, as mulheres seriam livres participantes na vida pública e nos mercados de trabalho autônomos locais.

O ecofeminismo social reconhece as

diferenças nas capacidades reprodutivas do homem e na mulher, visto que são as mulheres e não os homens que menstruam, passam pela gestação, parto e amamentação, mas rejeitam a idéia de que isso acarrete hierarquias de gênero e domínio. Tanto mulheres quanto homens são capazes de assumir uma ética ecológica baseada na solicitude. Numa sociedade responsável face-a-face, a criação das crianças seria comunal; o estupro e a violência contra as mulheres desapareceriam. Rejeitando todas as formas de determinismo, o ecofeminismo social advoga a liberdade reprodutiva, intelectual, sensual e moral das mulheres. A biologia, a sociedade e o indivíduo interagem em todos os seres humanos, dando-lhe a capacidade de escolher e construir os tipos de sociedades em que desejam viver.¹⁸

Contudo, em seu livro **Rethinking ecofeminist politics (Repensando a política ecofeminista)**, de 1991, Janet Biehl retirou seu apoio ao ecofeminismo, abandonando também o ecofeminismo social, com o argumento de que o conceito tinha se tornado tão carregado de significados irracionais, míticos e contraditórios que haviam enfraquecido as esperanças das mulheres numa sociedade liberatória e ecologicamente sã. Enquanto as feministas radicais iniciais haviam buscado igualdade em todos os aspectos da vida pública e privada, baseada numa total reestruturação da sociedade, o feminismo cultural que jaz na raiz de grande parte do ecofeminismo parecia-lhe rejeitar a racionalidade, abraçando o culto da deusa,

biologizando e essencializando os traços de guardiã e sustentadora apontados pelo patriarcado nas mulheres, e rejeitando também os avanços científicos e culturais simplesmente por serem defendidos pelos homens.¹⁹

ECOFEMINISMO SOCIALISTA

O ecofeminismo socialista ainda não é um movimento; trata-se mais de uma transformação da ecologia socialista que considera a categoria da reprodução, e não da produção, como central para o conceito de um mundo justo e sustentável. Como o feminismo marxista, pressupõe ser a natureza não humana a base material de toda a vida, uma vez que comida, roupa, abrigo e energia são essenciais para a manutenção da vida humana. A natureza e a natureza humana são histórica e socialmente elaboradas através dos tempos e transformadas de acordo com a **praxis** humana. A natureza é um sujeito ativo, não um objeto passivo a ser dominado, e os seres humanos precisam desenvolver relações sustentáveis com ela. O ecofeminismo socialista vai além do ecofeminismo cultural ao oferecer uma crítica do patriarcado capitalista focalizando as relações dialéticas entre produção e reprodução, e entre produção e ecologia.

A perspectiva ecofeminista socialista oferece um ponto de vista do qual analisar as transformações sociais e ecológicas, e através do qual sugerir ações sociais que levem à

sustentabilidade da vida e a uma sociedade justa. E pergunta:

1. O que está em jogo para as mulheres e a natureza quando a produção nas sociedades tradicionais é perturbada pelo desenvolvimento colonial e capitalista?
2. O que está em jogo para as mulheres e a natureza, quando os métodos e normas tradicionais de reprodução biológica são perturbados por tecnologias intervencionistas (como os métodos químicos de controle da natalidade, esterilização, **amniocentesis*** úteros de aluguel e mercado de bebês) e por poluentes químicos e nucleares em solos, águas e ar (pesticidas, herbicidas, químicos tóxicos e radiação nuclear)?
3. Como seria uma transformação ecofeminista social?
4. Que formas as sociedades socialistas poderiam assumir a fim de serem saudáveis para as mulheres, os homens e a natureza?

Em seu livro **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**, de 1884, Friedrich Engels escreveu que "o fator

* Procedimento cirúrgico para obtenção de uma amostra do líquido amniótico do útero da mulher, inserindo-se uma agulha oca através de sua parede abdominal. Tal processo é usado no diagnóstico de certos defeitos genéticos ou possíveis complicações obstétricas. (N. T.)

determinante na história é, em última instância, a produção e a reprodução da vida imediata...por um lado, a produção dos meios de subsistência...por outro a produção dos próprios seres humanos.” Produzindo e reproduzindo a vida, os humanos interagem com a natureza não humana, sustentando ou perturbando ecologias locais e globais. Quando ignoramos as consequências de nossas interações com a natureza, advertiu Engels, nossas conquistas “*vingam-se de nós. Na natureza nada se realiza no isolamento.*” Elaborar sobre os **insights** fundamentais de Engels, sobre os papéis das mulheres na produção, reprodução e ecologia, pode ser o ponto de partida para uma análise ecofeminista socialista.²⁰

ECOFEMINISMO SOCIALISTA E PRODUÇÃO

Como produtoras e reprodutoras da vida, as mulheres nas culturas tribais e tradicionais têm tido, através dos séculos, interações altamente significativas com o meio-ambiente. Como coletadoras de alimentos, combustível, ervas medicinais, fabricantes de roupa, plantadoras, mondadeiras, ceifeiras de horticulturas, criadoras de aves domésticas para alimento, curandeiras, parteiras, preparadoras e conservadoras de comida, e portadoras e guardiãs de crianças pequenas, o conhecimento íntimo da natureza por parte das mulheres tem

ajudado a sustentar a vida em cada **habitat** humano do globo.

Nas sociedades coloniais e capitalistas, contudo, as interações diretas entre as mulheres e a natureza têm sido circunscritas. Seus papéis tradicionais como produtoras de comida e roupa, horticultoras, criadoras de aves comestíveis, curandeiras e parteiras foram açambarcados pelos homens. Como a agricultura se tornou especializada e mecanizada, os homens apoderaram-se da produção das fazendas, enquanto homens e mulheres imigrantes e escravos forneciam o trabalho subalterno necessário nos campos. Os papéis das mulheres de classe média se modificou da produção para a reprodução da vida diária no lar, centrando-se numa domesticidade maior e na gestação e socialização das crianças. Sob o capitalismo, como ressalta a socióloga Abby Peterson, os homens são os responsáveis pela produção da troca de mercadorias, dominando-a, enquanto as mulheres são responsáveis pela reprodução da força de trabalho e das relações sociais. “*A responsabilidade das mulheres na reprodução inclui tanto a reprodução biológica das espécies (reprodução intergeracional) quanto a reprodução intrageracional da força de trabalho através da mão-de-obra não remunerada no lar. Nisso também está incluída a reprodução das relações sociais - a socialização*”. Sob o capitalismo industrial, a reprodução está subordinada à produção.²¹

Como o capitalismo tem sua premissa no crescimento econômico e na competição

para os quais a natureza e o desperdício são externalidades na maximização do lucro, sua lógica impede a sustentabilidade. A lógica do socialismo, por outro lado, baseia-se no preenchimento das necessidades das pessoas, não da cobiça das pessoas. Como o crescimento não é necessário à economia, o socialismo tem o potencial para relações sustentáveis com a natureza. Embora o socialismo de Estado tenha sido baseado na industrialização orientada para o crescimento e tenha resultado na poluição da natureza externa, novas formas de ecologia socialista poderiam levar a produção e reprodução humanas para o equilíbrio com a produção e reprodução da natureza. A economia da natureza e a economia humana poderiam entrar numa parceria.

A transição para uma meio-ambiente global sustentável e uma economia humana equitativa que preencha as necessidades das pessoas se basearia em duas relações dialéticas - uma entre produção e ecologia, e outra entre produção e reprodução. Nas teorias existentes de desenvolvimento capitalista, a reprodução e a ecologia são subordinadas à produção. A transição para a ecologia socialista reverteria as prioridades do capitalismo, fazendo com que a produção se subordinasse à reprodução e à ecologia.

ECOFEMINISMO SOCIALISTA E REPRODUÇÃO

O ecofeminismo socialista focaliza-se na reprodução da vida em si. Na natureza, a vida é transmitida através da reprodução biológica das espécies no ecossistema local. A falta de comida e água adequadas, produtos químicos do solo, gases atmosféricos, tempo adverso, doença e competição com outras espécies podem perturbar a sobrevivência da prole até a idade de reprodução. Para os humanos, a reprodução é tanto biológica quanto social. Primeiro, crianças em número suficiente precisam sobreviver até a idade de reprodução para reproduzir a comunidade pelos tempos afora; em excesso, pressionam o modo de produção determinado, afetando a ecologia local. Segundo, interagindo com a natureza externa, os adultos precisam produzir comida, roupas, abrigos e combustível suficientes em base diária para manter sua própria subsistência e sustentar a qualidade de seu **habitat** ecológico. Tanto a reprodução biológica intergeracional dos humanos e de outras espécies quanto a reprodução intrageracional da vida diária são essenciais para a continuidade da vida através dos tempos. A sustentabilidade é a manutenção de um equilíbrio ecológico-produtivo-reprodutivo entre os seres humanos e a natureza - a perpetuação da qualidade de toda vida.²²

A reprodução biológica afeta a ecologia local, não diretamente, mas enquanto mediada pela produção. Muitas comunidades de povos tribais e tradicionais desenvolveram rituais e práticas que mantiveram suas populações em equilíbrio com os recursos

locais. Outras permitiram que suas populações crescessem como resposta à necessidade de trabalho, ou migraram para novas terras e as colonizaram. Quando o modo de produção muda de uma base agrária para uma base industrial, e depois para uma base de produção sustentável, o número de crianças de que a família necessita declina. A forma como o desenvolvimento ocorrer no futuro ajudará as famílias a decidirem quantos filhos terão. Uma transição demográfica potencial para tamanhos de população menores está vinculada ao desenvolvimento ecologicamente sustentado.

A cientista política ecofeminista Irene Diamond levanta preocupações a respeito das implicações do “controle populacional” para as mulheres do Terceiro Mundo. *“Os avanços nas técnicas de planejamento familiar de Depra-Provera a um espectro de dispositivos de controle da natalidade implantados, banidos nas nações do Ocidente como pouco seguros, reduzem as mulheres do Terceiro Mundo a objetos sem mente e continuam o modelo imperialista que explora as culturas nativas 'para o seu próprio bem’.”*²³ Segundo, com a disponibilidade de técnicas de identificação sexual pré-natal, as feministas temem a “morte do sexo feminino” no mundo inteiro, quando famílias que identificam uma recompensa no trabalho masculino optarem por abortar nove de cada dez fetos mulheres. Terceiro, as feministas argumentam que os corpos das mulheres estão sendo transformados em máquinas de produção para testar anti-concepcionais, para experiências de fertilização

in vitro, para produzir bebês para transplantes de órgãos e para o mercado negro de bebês à venda no hemisfério norte.

A liberdade reprodutiva significa liberdade de escolha - liberdade para ter filhos ou não numa sociedade que necessite deles e preencha suas necessidades. As mesmas condições sociais e econômicas que fornecem segurança para a mulher também promovem a transição demográfica para populações menores. A Gabriella Women's Coalition das Filipinas exige acesso igual aos empregos e salários iguais para as mulheres, creches para crianças, assistência médica e previdência social. Quer proteção para a capacidade reprodutiva feminina, acesso aos anti-concepcionais seguros e a eliminação de drogas e anti-concepcionais banidos. Defende um acesso igual, não discriminatório, à educação, inclusive a instrução quanto aos direitos do consumidor e produtos químicos perigosos. Tal programa ajudaria a fazer surgir uma sociedade sustentável na qual a população está em equilíbrio com o preenchimento das necessidades diárias e o uso dos recursos locais; uma sociedade que ofereça a mulheres e homens de todas as raças, idades e capacidades as oportunidades iguais para vidas significativas.

Um movimento ecofeminista socialista no desenvolvimento do mundo pode trabalhar em solidariedade com os movimentos das mulheres para salvar o meio-ambiente no mundo sub-desenvolvido. Pode apoiar ações ecológicas cientificamente baseadas que

promovam também a justiça social. Como o ecofeminismo cultural, o ecofeminismo socialista protesta contra as investidas químicas na saúde reprodutiva das mulheres, mas coloca-as no contexto mais amplo das relações entre reprodução e produção. Pode portanto apoiar ações sobre produção como os movimentos Chipko e Greenbelt no Terceiro Mundo (ver abaixo), os protestos das mulheres nativas americanas contra a mineração de urânio radiativo causador de câncer nas reservas, e os protestos das mulheres da classe trabalhadora contra despejadouros de lixo tóxico nos bairros urbanos.²⁴

MULHERES NO TERCEIRO MUNDO

Muitos dos problemas que as mulheres do Terceiro Mundo enfrentam hoje são o resultado histórico das relações coloniais entre o Primeiro e o Terceiro Mundo. Do século dezessete em diante, a colonização européia de terras na África, Índia, Américas e no Pacífico iniciou uma revolução ecológica colonial na qual um complexo ecológico de animais, plantas, patogenias e habitantes europeus dilacerou os modos de subsistência dos povos nativos, enquanto os europeus extraíam recursos para comércio no mercado internacional e se estabeleciam nas novas terras. Do final do século XVIII em diante, uma revolução ecológica capitalista no hemisfério norte acelerou a extração de colheitas e recursos unicamente comerciais no

hemisfério sul, empurrando os povos do Terceiro Mundo para terras marginais e enchendo os bolsos das elites do Terceiro Mundo. No século XX, as políticas e tecnologias industriais do Norte têm sido exportadas para o Sul na forma de projetos de desenvolvimento. A agricultura da Revolução Verde (sementes, fertilizantes, pesticidas, represas, equipamento de irrigação e tratores), silvicultura de fazenda (de crescimento rápido, com espécies não nativas, herbicidas, ceifeiras e fábricas), fazenda capitalista (conversão de terra, relvas importadas, fertilizantes e fazendas-fábricas) e tecnologias reprodutivas (drogas anti-concepcionais potencialmente prejudiciais, esterilização e alimentação por mamadeira) têm causado desordem nos povos e ecologias nativas.

As mulheres do Terceiro Mundo vêm suportando o impacto das crises ambientais resultantes da marginalização colonial e projetos de desenvolvimento ecologicamente insustentáveis. Como lavradoras de subsistência, trabalhadoras urbanas ou profissionais da classe média, sua capacidade de prover subsistência básica e condições de vida saudáveis está ameaçada. Contudo, as mulheres do Terceiro Mundo não permanecem impotentes diante de tais ameaças. Têm organizado movimentos, institutos e negócios para transformar o desenvolvimento errado em desenvolvimento sustentável. Estão frequentemente na linha de frente da mudança para proteger suas próprias vidas, as de seus filhos e a vida do planeta. Embora algumas

delas possam se considerar feministas, e umas poucas até mesmo abracem o ecofeminismo, a maioria está preocupada principalmente em manter as condições de sobrevivência.

Na Índia, o colonialismo britânico do século XIX em combinação com os programas de desenvolvimento do século XX criaram problemas ambientais que afetam a subsistência das mulheres, especialmente em áreas florestais. A produção de subsistência, orientada em direção à reprodução da vida diária, é enfraquecida pela expansão da produção de mercado, orientada em direção a uma maximização do lucro. Para a física e ambientalista Vandana Shiva, as economias de mercado e de subsistência não são comparáveis:

*"Há na Índia, hoje, dois paradigmas de silvicultura - uma realçando a vida, a outra destruindo-a. O paradigma realçando a vida emerge da floresta e do princípio feminino; o destruidor da vida surge da fábrica e do mercado (...) Como a maximização de lucros é resultante da destruição das condições de renovabilidade, os dois paradigmas não são cognitiva e ecologicamente comparáveis. O primeiro emergiu da antiga cultura de floresta da Índia, em toda a sua diversidade, e tem sido renovado na época contemporânea por mulheres de Garhwal através do Chipko."*²⁵

O Chipko da Índia, ou movimento de abraçar-as-árvores, tenta manter a sustentabilidade. Tem suas raízes históricas

nas antigas culturas indianas que cultuavam as deusas-árvores, árvores sagradas como imagens do cosmos, e florestas e bosques sagrados. Os movimentos de abraçar-as-árvores mais antigos conduzidos por mulheres são de trezentos anos atrás. Na década de 1970, mulheres reviveram essas ações do Chipko a fim de salvar suas florestas para combustível de lenha e seus vales da erosão ante as culturas comerciais para o mercado. A base do movimento reside num uso ecológico tradicional das florestas para comida (como frutos, raízes, tubérculos, sementes, folhas, pétalas e sépalas), combustível, forragem, fertilizante, água e remédio. A produção agrícola comercial, ao contrário disso, cortou produtos florestais, de água à agricultura e à administração econômica dos animais. Originando-se de uma base organizacional de mulheres e com o apoio de homens locais, protestos para salvar as árvores se realizaram por toda uma ampla área de 1972 a 1978, incluindo ações para abraçar árvores, marchas, manifestações, cantos e confrontações diretas com madeireiros e a polícia.²⁶

O paradigma florestal feminino do movimento Chipko baseia-se em pressuposições similares às da emergente ciência agro-florestal, agora sendo ensinada nas universidades ocidentais. A agro-florestal é uma das várias ciências novas baseadas na manutenção de relações ecologicamente viáveis entre os seres humanos e a natureza. Contrapondo-se à agricultura e silvicultura modernas, que separam as safras de árvores

das safras de alimentos, a agro-florestal encara as árvores como parte integral da ecologia agrícola. Existem relações complementares entre os aspectos protetores e produtivos: de árvores e o uso do espaço, solo, água e luz em conjunção com safras e animais. A agro-silvicultura é especialmente significativa para pequenas famílias de lavradores, como muitas no Terceiro Mundo, e faz um uso eficiente tanto do trabalho humano quando dos recursos naturais.²⁷

Na África, inúmeros problemas ambientais têm resultado do rompimento colonial de padrões tradicionais de rebanhos de pastoreio, quando os governos impuseram fronteiras cortando o acesso a rotas migratórias e recursos naturais. O desenvolvimento agrícola que se seguiu criou grandes áreas de terra desertificadas, o que teve impactos negativos na economia das mulheres. Os lavradores, a maioria composta por mulheres, obtiveram produções pobres dos solos erodidos. Tinham que palmilhar penosamente longas distâncias a fim de obter madeira para cozinha e aquecimento. Sua água para cozinhar e beber estavam poluídas. As frentes de desenvolvimento com formação profissional, mas que não compreendiam o significado de "desenvolvimento sem destruição", derrubaram árvores que interferiram com rodovias e linhas elétricas e telefônicas, mesmo quando tais árvores eram as únicas numa terra de lavoura de subsistência.

O acesso das mulheres do Quênia à lenha de combustível e água para subsistência

foi a motivação primordial subjacente ao movimento Green Belt de mulheres. Segundo a fundadora Wangari Maathai, o objetivo do movimento é promover "a reabilitação e preservação ambiental... e o desenvolvimento sustentado." Tenta reverter a desertificação produzida pelo homem plantando árvores para a conservação do solo e da água.²⁸

O Conselho Nacional de Mulheres do Quênia começou a plantar árvores em 1977 no World Environment Day (Dia Mundial do Meio-Ambiente). Trabalhando com o Ministério do Meio-Ambiente e Recursos Naturais, continuaram a plantar árvores através do país, e estabeleceram bosques comunitários em terras públicas. Plantaram a partir de sementes e venderam o produto, gerando renda. O movimento promoveu técnicas agro-florestais tradicionais que haviam sido abandonadas em favor de métodos agrícolas "modernos" apoiados nos fertilizantes da revolução verde, pesticidas, novas variedades de sementes e sistemas de irrigação caros e não sustentáveis. Nos últimos dez anos, o movimento plantou mais de sete milhões de árvores, criou centenas de empregos, reintroduziu espécies de árvores nativas, educou as pessoas para a necessidade de cuidados ambientais e promoveu a independência e uma imagem mais positiva das mulheres.²⁹

"O mundo inteiro está se encaminhando para uma crise ambiental", diz Sithembiso Nyoni, do Zimbábwe. "As mulheres vem sendo sistematicamente

excluídas dos benefícios do desenvolvimento planejado (...) Os efeitos adversos da chamada crise econômica e dívida externa atuais da África (...) caem desproporcionalmente sobre as mulheres, e tornam seus problemas ainda mais agudos.” Há vinte anos atrás ainda havia água boa, lenha, pasto e caça mesmo nas terras comunais semi-áridas, não tendo as mulheres que caminhar longas distâncias para obter recursos de subsistência. Mas a introdução das sementes e fertilizantes da Revolução Verde exigiram solos diferentes e mais água do que a encontrada nas terras comuns. Os pobres, primordialmente mulheres, suportaram o impacto do desenvolvimento que tem prosseguido, independentemente das consequências no meio-ambiente.³⁰

Segundo Kathini Maloba, do Zimbabwe, ativista tanto do movimento Green Belt quanto do Sindicato das Mulheres Pan-Africanas, muitas lavradoras sofrem perda por safras pobres em solos marginais, falta de lenha, água poluída, condições sanitárias ruins e carência de habitação. As mulheres têm sofrido abortos espontâneos pelo uso de pesticidas e fertilizantes químicos. Em 1983, 99 % de todas as fazendas não tinham qualquer proteção contra os pesticidas. Apenas 1 % dos empregadores prestara atenção às advertências dos pesticidas, e usava equipamento de detecção para testar os níveis de pesticidas nos alimentos e na água.

Os programas de desenvolvimento que enfatizam as necessidades do povo dentro das restrições ambientais locais incluiriam:

conservação da água através do controle da erosão, proteção de fontes naturais e o uso de represas de barro e reservatórios de água; na agricultura, a reintrodução de sementes tradicionais e plantio de árvores indígenas; no pastoreamento dos rebanhos, o uso de sementes, folhas e pastos locais como alimento e na condução do gado para um determinado lugar para engorda antes de comerciá-lo; nos lares, o uso de águas já utilizadas para irrigar árvores, e fornos mais eficientes que queimem menos combustível vegetal.

Da mesma forma, as mulheres latino-americanas apontam inúmeros impactos ambientais em suas vidas. Nicarágua e Chile são países nos quais governos socialistas tiveram a oposição dos Estados Unidos através do uso de boicotes econômicos e financiamento de líderes da oposição que apoiavam interesses capitalistas conservadores. Maria Luisa Robleto, do Movimento Ambientalista da Nicarágua, declara que as mulheres estão lutando para reverter o dano ambiental passado. Na Nicarágua, antes da revolução sandinista de 1979, muitas mulheres trabalhavam em fazendas particulares que usavam grandes quantidades de pesticidas, especialmente DDT. Desde a revolução, a posição das mulheres mudou, como parte do esforço para construir uma sociedade baseada no desenvolvimento sustentável. Em parte devido ao engajamento masculino na contínua defesa do país e em parte devido aos esforços do movimento de mulheres da Nicarágua, as mulheres entraram no campo agrícola, anteri-

ormente masculino. As mulheres foram treinadas para dirigir tratores, administrar as fazendas de café e administrar os animais.

Segundo Robleto, as trabalhadoras agrícolas da Nicarágua têm um nível de DDT no leite dos seios vinte vezes mais elevado que as trabalhadoras não agrícolas. Querem salário igual e um término do envenenamento tóxico por parte dos inseticidas. Se a amamentação é promovida como alternativa para fórmulas de alimento caras, tem que haver um programa para controlar os tóxicos no leite materno. Num país em que 51% da energia vem da lenha, 39% da qual é usada para cozinhar, é necessário haver um programa de silvicultura e conservação orientado para as necessidades das mulheres. Um movimento de raízes populares é a centelha para a conservação ecológica.

A chilena Isabelle Letelier (viúva do embaixador do Chile nos Estados Unidos, assassinado em 1976 por agentes de Pinochet após a derrubada do governo socialista de Allende, em 1973), membro do Projeto das Mulheres do Terceiro Mundo, fala do poder das mulheres **campesinas** que criaram vida e controlaram a medicina e a religião. A sociedade global, diz ela, está descontrolada. O planeta precisa ser salvo. As mulheres devem assumir a liderança dessa luta, já que os homens não vão resolver os problemas, e construir uma sociedade para as mulheres e os homens. Os direitos da terra, da natureza e das mulheres são todos parte dos direitos humanos. Santiago é agora uma das cidades mais

poluídas do mundo. Há crianças que não recebem qualquer espécie de proteína e passam a comer plástico. Há uma televisão em cada casa, mas não ovos e carne. Há doces coloridos, mas nenhum pão. Em 1983, diz Letelier, as mulheres romperam o silêncio e começaram a falar pelo meio-ambiente. Sem a ajuda de telefones, encheram um estádio com 11 mil mulheres. Estabeleceram redes como instrumentos; aprenderam a questionar tudo, a suspeitar de tudo. Aprenderam a ver. "As mulheres dão vida", diz ela. "Temos a capacidade de dar vida e luz. Podemos empunhar nossas vassouras e varrer a terra. Como feiticeiras, podemos limpar a atmosfera com nossas vassouras. Tapar o buraco na camada de ozônio. O meio-ambiente é vida, e as mulheres precisam lutar pela vida com os pés no chão e os olhos na direção do céu. Precisamos fazer o impossível."

A brasileira Gizelda Castro, dos Amigos da Terra (Friends of the Earth), faz ecoar o grito ecofeminista de que as mulheres devem reverter o dano feito à terra. "*Os homens*", diz ela, "*se separaram do ecossistema.*" Quinhentos anos de pilhagem global em nome do desenvolvimento e da civilização trouxeram-nos a uma situação de violência internacional contra a terra e seu povo. A herança genética do Sul está indo constantemente para o Norte. As mulheres não têm tido escolha, mas o ecofeminismo é uma linguagem nova e radical. As mulheres devem fornecer a determinação e energia moral tanto para o Primeiro quanto para o

Terceiro Mundo. Elas são o futuro e a esperança na luta pela vida.³¹

Na Malásia, que recebeu a independência em 1957 quando o império britânico empreendeu a descolonização, muitos problemas ambientais resultaram de uma série de planos de desenvolvimento de cinco anos que ignoraram tanto o meio-ambiente quanto a preservação, especialmente o impacto do desenvolvimento sobre as mulheres. "*A rápida expansão da economia agrícola exclusivamente comercial saudada como uma história de sucesso de desenvolvimento mergulhou milhares de mulheres numa venenosa armadilha*", argumenta Chee Yoke Ling, professora de Direito da Universidade da Malásia e secretária geral da sede local dos Amigos da Terra. Como o controle da terra passou para as grandes fazendas multinacionais de arroz, borracha e óleo de palmeira, o direito usufrutuário das mulheres de cultivar a terra foi perdido para uma economia exportadora de dinheiro dominada pelos homens. Elas se tornaram dependentes e marginalizadas, mudando-se para empregos agrícolas e industriais de baixos salários. As trabalhadoras constituem 80 % daqueles que borrifam herbicidas e pesticidas químicos como o paraquat nas plantações de borracha e de palmeira. Despejam o líquido, transportam os recipientes abertos e borrifam os produtos químicos sem trajes protetores, mesmo quando estão grávidas ou amamentando. As trabalhadoras geralmente não têm consciência dos efeitos dos produtos químicos e geralmente

não sabem ler os rótulos de advertência nos pacotes. Protestos resultaram na perda de empregos ou transferência para formas de trabalho menos desejáveis. Em 1985, os Amigos da Terra da Malásia começaram a pressionar o Ministério da Saúde para banir o paraquat. Convocaram os fazendeiros e órgãos do governo e exigiram que a utilização do produto químico cessasse, pelo direito humano à vida, assim como à vida das águas e solos.³²

Assim, as mulheres do Terceiro Mundo estão desempenhando um papel essencial na conservação. Fazem com que os impactos do colonialismo e capitalismo industrial no meio-ambiente e em suas vidas sejam visíveis. Trabalham para manter os sistemas de apoio a suas próprias vidas através da conservação da floresta e da água, da recuperação da fertilidade do solo e da preservação da diversidade ecológica. Fazendo isso, estão assumindo papéis de liderança em suas comunidades. Embora ainda não tenham recebido reconhecimento adequado de seus governos e das organizações conservacionistas por tais contribuições, estão lentamente alcançando os objetivos do ecofeminismo - a liberação das mulheres e da natureza.

MULHERES NO SEGUNDO MUNDO

O desenvolvimento do Segundo Mundo tem sido informado pela teoria marxista de que o objetivo da produção é o preenchimento das necessidades humanas. No

entanto, o socialismo de Estado como método para conquistar uma distribuição de bens e serviços equânime criou enormes problemas de poluição e exaustão resultantes de uma série de planos quinquenais para um rápido crescimento industrial. À medida que os países do Segundo Mundo incorporarem objetivos de economia de mercado, os problemas ambientais se tornarão crescentemente complexos. Poderá o Segundo Mundo, em mutação e evolução, produzir e distribuir alimento e bens suficientes para seu próprio povo e reverter também a deterioração ambiental? Os movimentos para a democratização dos anos 1990 revelam uma abertura a novas idéias e cooperação na resolução de problemas econômicos e ambientais, mas muitos problemas na implementação das soluções ainda permanecem.

Embora as mulheres do Segundo Mundo tenham partilhado as oportunidades educacionais e econômicas com os homens, têm também, da mesma forma que as mulheres do Primeiro Mundo, carregado o duplo fardo do trabalho doméstico além de seus empregos fora de casa. Como as mulheres do Primeiro Mundo, experimentaram os efeitos dos poluentes industriais e tóxicos nos próprios corpos e viram os impactos deles em seus filhos e maridos. Embora as mulheres do Segundo Mundo não tenham atingido a visão ambiental das feministas marxistas, utilizam pesquisa científica e tecnológica e a educação para encontrar modos de mitigar esses

problemas, tendo também participado de movimentos verdes incipientes.

As mulheres do Segundo Mundo têm assumido papéis de liderança nos assuntos ambientais. Na Polônia, a Dra. Maria Guminska, professora de bioquímica da Universidade Médica de Cracóvia, ajudou a fundar o Clube Polonês de Ecologia, de 4 mil membros, e serviu como um de seus vice-presidentes. Ela preparou um relatório crítico sobre a poluição do ar da maior fundição de alumínio da Polônia e militou no esforço para reduzir os poluentes tóxicos de uma fábrica de produtos farmacêuticos em Cracóvia. Na ex-União Soviética, a Dra. Eugenia V. Afanasieva, do Instituto Politécnico de Moscou, foi Superintendente-adjunta do Centro de Educação Ambiental para Investigação do Meio-Ambiente. O Centro desenvolveu um sistema de filtragem para ajudar a limpar a poluição das águas industriais. A Dra. Afanasieva trabalha com jovens para promover uma melhor educação ambiental. *"Toda a humanidade se encontra agora no começo de uma nova era"*, declara. *"As pessoas precisam escolher entre viver e perecer. Ninguém pode prever o futuro. Precisamos salvar nossa civilização. Precisamos mudar nosso modo de pensar. Precisamos pensar ecologicamente."* As mulheres, diz ela, desempenham um papel importante na expansão da consciência ambiental: *"Parece-me que as mulheres são mais ativas nos programas ambientais que os homens. Damos à luz nossos filhos e lhe*

ensinamos os primeiros passos. Estamos inquietas a respeito de seu futuro."³³

Em 1989, a Primeira Conferência Internacional sobre as Mulheres, a Paz e o Meio-Ambiente foi realizada na ex-União Soviética. As mulheres exigiram maior participação das mulheres como ambientalistas e cientistas para ajudar a decidir o destino do planeta. Segundo elas,

*Cada um de nós deveria fazer todo o possível para promover ações para sobrevivência em níveis local, nacional e internacional... Precisamos trabalhar para terminar a irradiação na comida, banir todos os produtos químicos conhecidos que destróem a camada de ozônio, reduzir o transporte de irradiação, reciclar todos os refugos que possam ser novamente usados, plantar parques e jardins botânicos, criar bancos de sementes etc. Essas medidas iniciais estão entre as mais urgentes para uma estratégia de sobrevivência.*³⁴

Olga Uzhnurtsevaa, do Comitê das Mulheres Soviéticas, solicitou melhoramento ambiental em face da acelerante produção industrial de seu país. É necessário um programa ecológico nacional subsidiado pelo governo para reverter o dano ecológico. As crianças estão sendo geradas com defeitos; a qualidade do ar e da água se deterioraram. Por toda a Comunidade de Estados Independentes, diz ela, os conselhos das mulheres apoiam o pensamento ambiental. Muitos dos jornalistas e ativistas preocupados com problemas

ambientais na bacia do lago Baikal e no Mar Báltico são mulheres. Estas sentem-se especialmente preocupadas com a necessidade de proteger a natureza da corrida armamentista. Esse problema envolve toda a humanidade, especialmente os efeitos no Terceiro Mundo. Segundo citação de Uzhnurtsevaa,

*"A natureza disse às mulheres:
Sejam engraçadas se puderem,
Sejam sábias, se possível,
Mas custe o que custar, sejam prudentes."*³⁵

CONCLUSÃO

Embora os objetivos últimos das feministas liberais, culturais, sociais e socialistas possam diferir sobre se o capitalismo, a cultura das mulheres ou o socialismo deva ser a meta final da ação política, os objetivos de curto prazo coincidem. Tecer juntas os muitos fios do movimento ecofeminista é o conceito de reprodução traduzido em seu sentido mais amplo, para incluir a contínua reprodução biológica e social da vida humana e o prosseguimento da vida na terra. Nesse sentido há talvez mais unidade que diversidade no objetivo comum das mulheres de restaurar o meio-ambiente natural e a qualidade de vida para os seres humanos e outros habitantes animados e inanimados do planeta.

Extraído do livro: RADICAL ECOLOGY: The search for a livable world de autoria de Carolyn Merchant (sob permissão; o livro será publicado em agosto de 1992).

NOTAS

1. Françoise d'Eaubonne, "Feminism or Death", in Elaine Marks and Isabelle de Courtivron, eds. *New French Feminisms: An Anthology* (Amherst: University of Massachusetts Press, 1980), pp.64-7, ver especialmente p.25; Françoise d'Eaubonne, *Le Féminisme ou la Mort* (Paris: Pierre Horay, 1974), pp. 213-52.
2. Ynestra King, "Toward an Ecological Feminism and a Feminist Ecology", in Joan Rothschild, ed., *Machina Ex Dea* (New York: Pergamon Press, 1983), pp.118-29; Janet Biehl, "What is Social Ecofeminism?" *Green Perspectives*, 11 (Outubro 1988).
3. Alison Jaggar, *Feminist Politics and Human Nature* (Totowa, N.J.:Roman and Allanheld, 1983); Karen Warren, "Feminism and Ecology: Making Connections", *Environmental Ethics*, vol.9, no.1 (1987): 3-10.
4. Karen Warren, "Toward an Ecofeminist Ethic", *Studies in the Humanities* (Dezembro 1988): 140-56, aspas na p. 151.
5. Karen Warren, "The Power and the Promise of Ecological Feminism", *Environmental Ethics*, 12, no.2 (Summer 1990): 125-46.
6. Jaggar, *Feminist Politics and Human Nature*, pp.27-47.
7. Simone de Beauvoir, *The Second Sex* (1949)(London:Penguin Books, 1972), pp.95-6; Betty Friedan, *The Feminine Mystique* (New York:Dell, 1963),pp. 11-27, 326-63; King, "Toward an Ecological Feminism and a Feminist Ecology", pp.121-2; Rachel Carson, *Silent Spring* (Boston:Houghton and Mifflin, 1962),pp.1-37.
8. Barbara Holzman, "Women's Role in Environmental Organizations", manuscrito da autora, Berkeley, Ca.
9. Sherry Ortner, "Is Female to Male as Nature is to Culture", in Michelle Rosaldo and Louise Lamphere, ed. *Women, Culture and Society* (Stanford, Ca.: Stanford University Press, 1974), pp.67-87.
10. Merlin Stone, *When God Was a Woman* (New York:Harcourt Brace Jovanovich, 1976); Carolyn Merchant, *The Death of Nature: Women, Ecology, and the Scientific Revolution* (San Francisco: Harper and Row, 1980); Carolyn Merchant, "Earthcare: Women and the Environmental Movement", *Environment*, 23, no.5 (Junho 1981):6- 13,38-40.
11. Starhawk, *The Spiral Dance: A Rebirth of the Ancient Religion of the Great Goddess* (San Francisco: Harper and Row, 1979); Carol Gilligan, *In a Different Voice: Psychological Theory and Women's Development* (Cambridge, Ma.: Harvard University Press, 1982); Nel Noddings, *Caring: A Feminist Approach to Ethics and Moral Education* (Berkeley: University of California Press, 1984).
12. Ortner, "Is Female to Male as Nature to Culture?" Para uma idéia das recentes variedades do Ecofeminismo veja Irene Diamond and Gloria Ornstein, eds., *Reweaving the World: The Emergence of Ecofeminism* (San Francisco: Sierra Club Books, 1990).
13. Dorothy Nelkin, "Nuclear Power a Feminist Issue", *Environment*, vol.23, no.1 (1981): 14-20,38-39.
14. Merchant, "Earthcare", aspas na p.38.
15. Karen Stults, "Women Movers: Reflections on a Movement By some of Its Leaders", *Everyone's Backyard*, vol. 7, no.1 (Primavera, 1989): 1; Ann Marie Capriotti-Hesketh, "Women and the Environmental Health Movement:

- Ecofeminism in Action", Department of Biomedical and Environmental Health Sciences, University of California, Berkeley, Ca., manuscrito no publicado em posse da autora.
16. Merchant, "Earthcare", p.13.
 17. Susan Prentice, "Taking Sides: What's wrong with Eco- Feminism?" *Women and Environments*, (Primavera, 1988):9-10.
 18. Janet Biehl, "What is Social Ecofeminism?" *Green Perspectives*, No.11 (Outubro 1988):1-8, aspas na p.7.
 19. Janet Biehl, *Rethinking Ecofeminist Politics* (Boston: South End Press, 1991), pp.1-7,9-19.
 20. Friedrich Engels, "Origin of the Family, Private Property, and the State", in *Selected Works* (New York: International Publishers, 1968), p.455; Engels, *Dialectics of Nature*, ed. Clemens Dutt (New York: Intenational Publishers, 1940),pp.89-90.
 21. Abby Peterson, "The Gender-Sex Dimension in Swedish Politics", *Acta Sociologica*, 27, no.1 (1984): 3-17, aspas na p.6.
 22. Carolyn Merchant, *Ecological Revolutions: Nature, Gender, and Science in New England* (Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1989),p.14.
 23. Irene Diamond, "Fertility as a Sound of Nature: Echoes of Anger and Celebration", manuscrito no publicado em posse da autora, Department of Political Science, University of Oregon, Eugene, Oregon, p.14.
 24. Para exemplos veja Merchant, "Earthcare", pp. 7-13,38-40.
 25. Vandana Shiva, *Staying Alive: Women, Ecology and Development* (London: Zed Books, 1988), p.76.
 26. Shiva, *Staying alive*, pp.55-77.
 27. John Farrell, "Agroforestry Systems", in Miguel Altieri, *Agroecology: The Scientific Basis of Alternative Agriculture* (Berkeley: Division of Biological Control, University of California, Berkeley, 1983), pp.77-83.
 28. Wangari Maathai, *The Green Belt Movement: Sharing the Approach and the Experience* (Nairobi, Kenya: Environment Liaison Centre International, 1988), pp.5-24, aspas na p.5.
 29. Maathai, *Green Belt Movement*, pp. 9-30. Veja também Lori Ann Thrupp, "Women, Wood, and Work in Kenya and Beyond", *UNASYLVA* (FAO, Journal of Forestry), (Dezembro 1984): 37-43.
 30. Sithembiso Nyoni, "Women, Environment, and Development in Zimbabwe", in *Women, Environment, Development Seminar Report* (London: Women's Environmental Network, 1989), pp.25-7, aspas na p.26.
 31. Nyoni, "Women, Environment, and Development in Zimbabwe", pp.23-4.
 32. Chee Yoke Ling, "Women, Environment, Development: The Malaysian Experience, in *Women's Environmental Network, Women, Environment, Development Seminar Report* (London: Women's Environmental Network, 1989), pp.23-4.
 33. Jeanne Rhineland, "Crusader in Krakow", *Worldwide News: World Women in Environment*, 8, no.2 (Março-Abril 1990): 1,7; Entrevista com a ambientalista soviética: Dr. Eugenia V. Afanasieva, *Worldwide News* (September-October 1989): 1,5, aspas na p.5.
 34. "Women Meet in Moscow to Talk Environment", *Worldwide: World Women in Environment* (Novembro-Dezembro 1989), pp.1-2.
 35. Olga Uzhnurtsevaa artigo da conferência "The Fate and Hope of the Earth", Managua, Nicaragua, Junho 1989.